



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A BAHIA PELAS LENTES DE ALEXANDRE ROBATTO FILHO

Ana Luisa de Castro Coimbra*
(UESB)

Lívia Diana Rocha Magalhães**
(UESB)

RESUMO

A emergência e consolidação da arte cinematográfica tem repercutido como fonte documental, sobretudo depois da ampliação da concepção de fontes pela chamada “Nova História”. Esse alargamento sobre a concepção de fontes logo despertaria o interesse de historiadores que começavam a analisar a “imagem” como um documento de primeira ordem que permitiria representar ou discutir a realidade em suas muitas possibilidades de manifestações. Nessa perspectiva, pretendemos analisar os documentários de Alexandre Robatto Filho como um importante registro sobre a uma Bahia que se debatia entre as exigências de modernização e sua tradição. Para tanto, realizaremos essa análise à luz de teorias da memória.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, História, Memória, Bahia.

INTRODUÇÃO

O início do cinema no Brasil foi marcado por uma invasão de produções estrangeiras e que privilegiavam o cinema de ficção, mas se desenvolvia aos poucos no país a feitura de filmes documentais, chamados na época de “naturais”.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, localizada em Vitória da Conquista – BA. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia – FAPESB. E-mail: luisacoimbra@hotmail.com

** Doutora em Educação, docente e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: lrochamagalhaes@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Como o interesse por filmes não-ficcionais ainda era baixo, não se tinha capital suficiente para custear tais produções que muitas vezes ficavam restritos a certos espaços por tratarem de temas locais. Sem subsídio, os produtores de documentários tinham que buscar apoio em quem pudesse pagar as despesas geradas na confecção dos filmes.

O cenário cinematográfico documental se tornaria dependente de uma prática denominada “cavação”, termo da década de 20 para designar os filmes de encomenda que condicionava a produção cinematográfica, em grande parte, a propagandas, feitos políticos e eclesiásticos. A câmera acabava sendo a representante do “olhar” do poder. A Bahia não ficaria fora desse contexto nacional.

O cotidiano da capital em choque com seu desenvolvimento, manifestações culturais, paisagens geográficas e humanas, aspectos da vida no interior são alguns dos registros que compõem a obra do cineasta baiano Alexandre Robatto Filho que produziu por mais de quatro décadas, documentários mudos e sonoros e seu legado constam cinquenta e nove filmes de registro do Estado onde a primeira obra é da década de 30.. Imagens são registradas, mas os costumes, as idéias e as ações que tornavam possíveis tais obras também ficariam retidas em um suporte tangível podendo ser considerados documentos de importância fundamental não só para a memória de uma época, mas para memória de um cinema dependente de agências financiadoras. É absolutamente visível em boa parte dos documentários de Robatto Filho o apoio de fazendeiros, donos de indústrias, institutos federais e, sobretudo, da Prefeitura de Salvador.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

História, memória e a potência das imagens

A emergência e consolidação da arte cinematográfica tem repercutido como fonte documental, sobretudo depois da ampliação da concepção de fontes pela chamada “Nova História”, que veio substituir a história essencialmente fundada nos textos e no documento escrito, por uma história baseada nas múltiplas possibilidades de documentos. Esse alargamento sobre a concepção de fontes logo despertaria o interesse de historiadores que começavam a analisar a “imagem” como um documento de primeira ordem que permitiria representar ou discutir a realidade em suas muitas possibilidades de manifestações. A proposta deste trabalho é traçar uma discussão entre a história e o uso do filme que se revela quando voltamos a revê-los à luz das teorias da memória.

Como ressalta Bazin apud Schvarzman (2004, p. 24) seja ficção, ou o que efetivamente aconteça, a câmera garante a permanência. E sendo as imagens cinematográficas testemunhas de um tempo passado ou do presente, elas ascendem também com “pleno direito ao estatuto de documentos históricos” (FERRO apud LAGNY, 2009, p. 100)

Organizar imagens como documentos já inquietava o cameraman polonês Boleslaw Matuszewski, no ano de 1898, ao lançar pioneiramente a idéia de criação de arquivos de cinema onde propôs a criação do Depósito Cinematográfico Histórico, denotando a importância de preservar o material filmado para a posteridade. Para ele, o filme era uma fonte privilegiada da história e lhe seria conferido a mesma autoridade e oficialidade que os outros arquivos já conhecidos. O filme se constituiria não só um documento histórico, mas uma parcela da história, e da história que não desapareceu, que não precisa de um gênio para ser ressuscitada. Está aí apenas adormecida. (MATUSZEWSKI, 2004, p. 7)

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Por sua vez, a relação entre imagem, registro de memória e história tem sido objeto de muitas discussões. Segundo Sá (2007) a complexa interface entre memória e história é apresentada ao remontar a categoria “memórias históricas documentais” para dar conta da chamada memória social (JEDLOWSKI apud SÁ, p.293) que consistiria nos mais variados registros e traços do passado, uma ampliação do sentido de documento. Entretanto esses documentos não se configuram somente pela disponibilidade, cabendo falar de memória histórica somente quando estes são de fato mobilizados por pessoas e grupos sociais contemporâneos.

É nesse sentido que podemos pensar o registro de imagens como documento de um tempo onde, por muitas vezes, fatos são eleitos para serem “imortalizados” nas fitas de celulóide. Investido de um novo olhar, acontecimentos de outrora podem servir como fonte de pesquisa para gerações posteriores até mesmo para entender como se davam as condições propícias para que o registro pudesse ser realizado.

Le Goff (1996) explicita que dois eventos marcaram de modo significativo a memória coletiva, sendo eles: a construção dos monumentos aos mortos pós Primeira Guerra Mundial o segundo é a invenção da fotografia, evidenciando que as técnicas de captação de imagens revolucionaram a memória. A memória é, então, entendida como uma propriedade de conservação de informações, onde o homem pode atualizar impressões passadas ou que ele representa como passadas.

O desenvolvimento de técnicas mnemônicas proporcionou outras possibilidades de armazenamento da memória. Graças a isso, não só o corpo físico seria detentor das lembranças, mas, espaços, monumentos e objetos de memória também compartilhariam dessa função (LE GOFF, 2006).

A memória é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, é o que afirma Michael Pollak



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

(1989). O autor fala no “enquadramento da memória”. Neste trabalho de enquadrar a memória se alimenta do material fornecido pela história e esse material pode ser interpretado e combinado a um sem números de referências associadas. Além dos discursos organizados em torno dos acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais, entre eles os museus, as bibliotecas e os monumentos.

Ainda segundo Pollak (idem), mesmo que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas as lembranças em objetos de memória confeccionados “hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo donde o seu papel crescente na formação e reorganização e, portanto no enquadramento de memória” (p.11).

Sabe-se que ao longo de toda história os livros, artigos, revistas, bem como os registros videográficos vêm contribuindo para que fatos sejam reavivados nas discussões sociais, culturais e acadêmicas influenciando diretamente no debate em torno da história e da memória.

Nessa perspectiva é interessante ressaltar o quanto o documentário de Robatto Filho foca Bahia, sobretudo, entre os anos de 30 a 50 e revela a memória de um período marcado pelo desenvolvimento ainda precário no Estado, mas em vias de uma modernidade que chegava aos diversos campos da sociedade.

Primeiras imagens na Bahia

Embora a primeira sala permanente de cinema na Bahia seja datada de 1909, as primeiras projeções de um cinematógrafo já tinha acontecido em 4 de dezembro de 1907 em Salvador, no Teatro Politeama. Com exibição de filmes de curta duração trazidos do exterior (SILVEIRA, 1978, p. 8)

Tudo indica que o mérito de serem os primeiros realizadores cinematográficos da província, cabe a Diomedes Gramacho e José Dias da Costa.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Em 1910 foram exibidos Segunda-feira do Bonfim e Regatas da Bahia filmes realizados por esses precursores que tinham aprendido a técnica com o alemão Lindemann, dono da Photo Lindemann, atelier para confeccionar filmes nacionais. Anos depois os dois cineastas baianos tornam-se proprietários da empresa.

Os aspectos da fisionomia da cidade e os costumes baianos, a tradição das festas populares e a transformação do urbanismo não foram salvaguardados pelo registro da película. Silveira (1978) salienta uma entrevista do próprio Gramacho onde conta o destino das obras: a Photo Lindemann perdera os arquivos em consequência de uma penhora e os filmes ele jogara ao mar em 1920, desesperado por conta de um incêndio ocorrido no atelier devido o celulóide, material inflamável de que eram feitas as películas.

Com o descarte das obras realizadas por Gramacho e Dias da Costa, o título de pioneiro do cinema baiano coube a Alexandre Robatto Filho tendo produzido, por mais de quatro décadas, registros videográficos de festejos, eventos políticos e sociais importantes, costumes que deixavam transparecer a baianidade.

Nascido em Salvador, no ano de 1908, Robatto Filho ficou conhecido como “um homem de mil instrumentos. Era dentista, professor de Odontologia da Universidade Federal da Bahia, rádio-amador, fundou o Iatch Clube da Bahia, produtor de discos fonográficos, escritor, desenhista, pintor e documentarista. Em 1930 começa a produzir curta-metragem retratando aspectos da Bahia ainda marcada por forte traço colonial.

O legado do cineasta baiano consta cinquenta e nove filmes de registro do Estado. É importante destacar no cinema de Robatto Filho o seu cuidado artesanal na elaboração de seus filmes. Como aponta Setaro e Umberto (1992), antes de sair para gravação ele sempre elaborava um roteiro prévio, indicando a disposição dos diversos elementos da linguagem fílmica, mas deixava nos roteiros ampla margem de liberdade de ação nas locações.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O contexto baiano nas imagens de Alexandre Robatto Filho

Não se pode deixar de levar em conta o contexto da época registrado nas obras de Alexandre Robatto Filho. Embora tenha filmes datados da década de 30, o cabedal de produção se concentra principalmente nas décadas de 40 e 50. Durante os primeiros cinquenta anos do século XX, segundo Oliveira (2002), a Bahia ainda continuava lenta para acompanhar o alcance dos fluxos econômicos, tecnológicos e simbólicos da modernização que assolava o país. A vida no Estado baiano nesse período permaneceu distante dos fenômenos da industrialização, urbanização acelerada, emergência de um proletariado industrial e de classes médias urbanas. Só por volta dos anos 1950 a Bahia vai ser alcançada por transformações que a empurrarão na direção de uma sociedade com características normalmente associadas ao espírito dos tempos modernos inaugurados pelo novecentos.

Risério (1995) aponta que a partir do final da década de 1940 se criou um “ecossistema” propício ao aparecimento, à formação e ao desenvolvimento de uma personalidade cultural criativa que se encarnou em artistas-pensadores. A história da produção estético-intelectual brasileira no século XX, tomando como base os escritos críticos, não deixa de mencionar a conjuntura de efervescência renovadora.

A modernização da Bahia, agora aparecia como uma meta, um ideal para que o Estado acompanhasse a primeira investida industrialista, modernizadora. A estrutura econômica da província permaneceu essencialmente agro-mercantil, apesar da virada reformista que mobilizou o centro sul do país. Uma elite modernizante se mostra disposta a balançar o coreto provinciano. Edgar Santos, reitor-fundador da Universidade da Bahia entre os anos de 1946 a 1961, defendia



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

que o poder econômico e o poder cultural convergissem para a superação desse atraso.

A questão de uma Bahia que não se industrializava, tendo como conseqüências a estagnação e uma perda de posição na economia do país também permeava a mente de políticos da época o que fez com que essa realidade da primeira metade do século fosse batizada por Otávio Mangabeira, então governador da Bahia entre os anos de 1947 e 1950, como “enigma baiano”.

O governador Mangabeira defendia que o investimento na educação e nas ciências básicas seria capaz de uma transformação da mentalidade dos baianos e com o apoio de Anísio Teixeira, cria a Fundação para Desenvolvimento da Ciência. Para Medeiros (2009), havia no Estado um clima de tomada de consciência da intelectualidade baiana quanto à realidade. “A lamentação quanto à ‘terra do já teve’ e o saudosismo quanto às ‘Glórias da Bahia’, começam a ceder lugar para a discussão das questões da cultura, da História e do saber” (p. 95).

A realização de uma política de apoio e incentivo à cultura e a educação baiana foi concebida no governo de Otávio Mangabeira e coube a Anísio Teixeira a incumbência, como secretário de educação, de criar um departamento de cultura na Secretaria de Educação. Em pouco tempo, esse departamento se tornou o grande centro de apoio e inovação para as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema e a literatura baiana ajudou o curso de formação de bibliotecárias que deu origem à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia. (TAVARES, 2011).

Encontramos na obra de Robatto Filho faces dessa transição pela qual passava o Estado: de um lado uma Bahia ainda marcada fortemente por traços provincianos, do outro, o processo industrial que emergia no novo panorama local e que já deixava lembranças de uma Bahia que sobrevivia de sua memória.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

As duas obras que despontam no trabalho do cineasta, *Entre o Mar e o Tendam* (1953) e *Xaréu* (1954), registram a pesca artesanal da população ribeirinha na cidade de Salvador, a importância da puxada de rede como instrumento de sobrevivência mantendo viva uma tradição ainda à maneira dos africanos que aqui chegaram.

Nota-se em *Xaréu* um tom saudosista de uma atividade em vias de desaparecer do litoral baiano. Nas palavras do próprio Robatto Filho, que narra todo documentário fica evidente os novos tempos que assolavam a capital: “O progresso virá. Virão fatalmente os métodos modernos e as velhas canções se perderão no ronco dos motores. Ficará, porém naquelas praias a lembrança de uma gente alegre que trabalhava cantando” (FILHO, 1954).

Além dos dois filmes já citados, outro que desponta no escopo das obras que exaltavam imagens da Bahia nos seus diferentes contextos tradicionais é *Vadiação* (1954), película dedicada à arte da capoeira praticada como os antepassados no tempo da escravidão. Nesta obra é possível observar os enquadramentos elaborados, um jogo de imagem e sombra e, para além da técnica, a ausência da mulher na prática da capoeira, cabendo a esta apenas observar de longe e acompanhar com aplausos.

Em contrapartida à narrativa marcada por aspectos tradicionalistas, ele desenvolve filmes que evidenciam traços de industrialização e modernidade. Um milhão de KWA (1949) pode ser considerado precursor dos muitos documentários que se fariam nos anos cinquenta e sessenta sobre a construção de hidrelétricas. Neste, ele registra o desenvolvimento da cidade de Paulo Afonso e o projeto de construção da hidrelétrica onde também se pode notar certo entusiasmo pelo progresso da Bahia. *S/A Wildberger: exportação - importação e representações* (1955) mostra a história dos dois irmãos suíços donos da empresa S/A Wildberger que tinham como principais atividades do grupo fazendas de cacau e cana de

açúcar. Organizações Suerdick - lavoura, comércio e indústria (1955) também é o registro de uma organização industrial do fumo.

Aspectos dos “naturais” e cavação no cinema baiano

Robatto Filho não estava fora de um contexto nacional de produções audiovisuais que viam na cavação a melhor (ou única) forma de sobrevivência. A cavação cobria o documentário de encomenda e propaganda (MIRANDA; RAMOS, 2000). Como aponta Bernardet (1979), os “naturais”, designação para os documentários das primeiras décadas do século, assentavam-se numa ligação dependente e intrínseca com a elite mundana, financeira, política, militar e eclesiástica. Os registros abordavam assuntos locais como:

O futebol, o carnaval, as quermesses, a melhoria das rodovias, as inaugurações, as vantagens de uma fazenda, ou de alguma fábrica quando os donos querem valorizar seu nome, uma figura política, alguns grandes acontecimentos políticos [...] sempre apresentados do ponto de vista de quem fica com o poder (senão a política ou o Estado Maior não autorizam a exibição) (BERNARDET, 1979, p.24).

Embora visto com desprezo, principalmente por quem fazia o cinema ficcional no país, há quem assegurasse que a prática da cavação foi de significação relevante na produção fílmica, pois foram os responsáveis pela manutenção da produção cinematográfica no momento de crise dos filmes de ficção.

Para o historiador do cinema brasileiro Paulo Emílio Sales Gomes, existiam aspectos que marcavam fortemente a feitura desses documentários, girando em torno da temática “berço esplêndido” – as imagens que exaltavam as belezas naturais do país, e do “ritual do poder” – registros de aspectos políticos e sociais.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Nesse “ritual” cabiam filmes sobre fazendas, empresas, famílias onde exploravam o espaço da vaidade alheia através da imagem cinematográfica, tratando-se, na maioria das vezes, da vaidade de ricos e poderosos que podem bancar os custos envolvidos.

A respeito do tema “ritual do poder” os registros prediletos são os das visitas, viagens e chegadas de autoridades, cobrindo deslocamentos físicos e respectivas celebrações. No campo das cerimônias oficiais temos principalmente posses de eleitos, paradas e manobras militares, inaugurações, funerais, feiras e exposições (MIRANDA; RAMOS, 2000, p. 177).

Podemos observar nas produções de Robatto Filho as “companhias produtoras” de seus documentários sendo notória a ligação com alguns órgãos do governo. O Instituto da Pecuária aparece nos letreiros de pelo menos três filmes: Quinta exposição de animais e produtos derivados (1939), XVI Exposição pecuária nacional (1949) e Exposição de Pecuária (1949) onde se pode reconhecer nas imagens o governador da Bahia na época Otávio Mangabeira, Juracy Magalhães, Nestor Duarte e Anísio Teixeira.

A Prefeitura de Salvador (Bahia Pitoresca, 1942; Desfile de quatro séculos, 1949), a Diretoria do Arquivo e Divulgação e Estatística (Entre o Mar e o Tendam, 1954), Instituto Nacional de Cinema Educativo (Santo Amaro – Recôncavo Baiano, 1953) e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Xaréu, 1954) também aparecem como agências de fomentos para a realização dos filmes.

Um mosaico de imagens de grande relevância para a história da Bahia dá corpo ao legado deixado por Robatto Filho. Por suas lentes não passou ileso o regresso de Marta Rocha ao Estado, que curiosamente é retratada numa visita às instalações da Fratelli Vita, uma fábrica de refrigerantes e cristais, que também aparece como patrocinadora do filme.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Registrou também o enterro do jurista Ruy Barbosa, o desfile em comemoração ao quarto centenário da capital baiana, registrando também peculiaridade de cidades do interior como a feira de Caxixi de Nazaré das Farinhas, a marcha das boiadas em Ruy Barbosa, a festa de Nossa Senhora da Purificação em Santo Amaro, o cultivo do fumo em Cruz das Almas, Cachoeira e Maragogipe, a vida dos vaqueiros no interior da Bahia, as festas em clubes da elite baiana e a criação de gado ressaltando o nome dos fazendeiros responsáveis.

CONCLUSÕES

Observamos no legado de Alexandre Robatto Filho o registro da memória de uma Bahia que se debatia entre as exigências de modernização e sua tradição que inclusive é fonte de sua imagem e singularidade dentro do país. Encontramos nas palavras do próprio documentarista o seu intuito em registrar cenas do Estado que almejava novas transformações sociais e políticas:

Eu queria que o meu trabalho chegasse até os estudiosos e que os filmes não morressem em gavetas. Tive sempre a noção de que meu papel era de um cineasta explorador, era meu interesse fotografar em movimento, registrar, colher. (ROBATTO apud SETARO; UMBERTO, 1992).

Com o que já levantamos nos documentários que coletamos, é possível uma primeira discussão sobre aspectos da sociedade baiana no período em que Robatto Filho produz suas obras. Sem dúvida, são registros videográficos, que além de recompor a memória da Bahia entre as décadas de 30 a 50, permite a compreensão do presente no seu emaranhado sócio-histórico ainda evidente.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

São registros que capturam o momento histórico em que foi produzido, registrando vestígios de uma Bahia em sua relação entre a memória e a história. É também o registro do tempo que passou funcionando como um arquivo que, investido de novos olhares, é capaz de produzir novos sentidos e possibilitar descobertas que se tornam visíveis quando abordadas.

A curiosidade pelas imagens em movimento trazia a reboque o interesse pela garantia da permanência. Imagens que documentam aspectos sociais e culturais de uma época e que evidenciam um fazer cinematográfico calcado no poder local. Quem possuía prestígio social, político ou econômico poderia patrocinar obras que deixassem para posteridade fragmentos do que foi, investindo as imagens de significação não só pelo que foi registrado, mas pelos meios que tornaram viáveis a sua produção.

Isso nos leva a pensar o fato da captura cinematográfica ser tomada como um “ritual de poder”, como definiu Paulo Emílio Sales Gomes, denotando a potência da imagem para a repercussão através dos tempos das formas de gestão e organização societária.

REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Calude. **Cinema Brasileiro: proposta para uma história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAGNY, Michèle. **O cinema como fonte de história**. In: NÓVOA, Jorge et al (Org). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

MATUSZEWSKI, Boleslaw. **Nasce uma idéia**. In: Revista do Festival Internacional de Cinema de Arquivo. Ano 1, Nº 1. Arquivo Nacional, setembro de 2004.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

MIRANDA, Luiz Felipe A. de; RAMOS, Fernão Pessoa (Org.). **Enciclopédia do cinema brasileiro**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

MEDEIROS, Ruy. O programa de pesquisas sociais estado da Bahia – universidade de colúmbia: o seu contexto. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 11, n. 1, p. 89-110, maio 2009

OLIVEIRA, Paulo Cesar Miguez de. **A organização da cultura na “cidade da Bahia”**. (Tese de doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação em Comunicação e culturas contemporâneas da Faculdade de comunicação da Universidade Federal da Bahia). Salvador: UFBA, 2002.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

RISERIO, Antônio. **Avant- Garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.

SA, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Revista Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2007

SCHVARZMAN, Sheila. **Cinema, história e Marc Ferro**. In: Revista do Festival Internacional de Cinema de Arquivo. Ano 1, Nº 1. Arquivo Nacional, setembro de 2004.

SETARO, André; HUMBERTO, José. **Alexandre Robatto Filho: pioneiro do cinema baiano**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1992.

SETARO, André. **Panorama do cinema baiano**. Salvador, FCEB, 1976.

SILVEIRA, Walter da. **A história do cinema vista da província**. Salvador. Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo Editora Unesp, 2001.